

# EDUCAÇÃO EM MUSEUS: AÇÕES DE ENSINO E EXTENSÃO NO CURSO DE MUSEOLOGIA DA UFRGS<sup>1</sup>

ZITA ROSANE POSSAMAI<sup>2</sup>

## EDUCAÇÃO EM MUSEUS NO CURRÍCULO

Apartir da implantação do Curso de Museologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2008, a área de Educação estava circunscrita na grade curricular à disciplina obrigatória denominada Informação e Educação Patrimonial, composta por dois créditos (30h).<sup>3</sup> A denominação da disciplina apontava, então, para dois aspectos a considerar: o termo “Informação” remetia ao desenho curricular da formação de futuros museólogos no âmbito de um tronco comum com os cursos de Biblioteconomia

---

1 Agradeço as contribuições e leitura atenta deste texto feitas pelas colegas Ana Dalla Zen, Ana Carolina Gelmini de Faria e Vanessa Barrozo Teixeira.

2 Doutora em História, coordenadora do Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2016-2018).

3 A disciplina Informação e Educação Patrimonial foi oferecida pela Professora Zita Possamai entre os anos de 2010 e 2013.

e Arquivologia, reunidos sob uma área mais ampla denominada Ciências da Informação; “Educação Patrimonial”<sup>4</sup>, por sua vez, referia-se a uma metodologia específica concernente às ações educativas sobre o patrimônio largamente difundido no Brasil a contar dos anos 1980.

A partir de 2011, uma profunda discussão sobre o currículo do curso, protagonizada por seus docentes, e o processo de definição de uma reforma curricular tornaram evidentes os seguintes aspectos: a) a inadequação da grade curricular original, calcada no tripé das Ciências da Informação, gerando a necessidade de supressão de disciplinas que abordavam de modo específico esse saber, mantendo apenas uma disciplina desta área que insere de modo geral a Museologia nesse campo; b) a peculiaridade do Curso de Museologia da UFRGS, que é caracterizado por dois eixos de formação: Formação Geral Humanística: estudos históricos, culturais e sociais e Formação Específica em Museologia: aspectos teórico-metodológicos e aplicados; c) a necessidade de inclusão de disciplinas não previstas na formação inicial, consideradas relevantes para introduzir novos conhecimentos e/ou aprofundar aspectos abordados nas disciplinas existentes.

Assim, o novo currículo buscou aprofundar a identidade do Curso de Museologia da UFRGS, mostrando-se afinado com o perfil do egresso como um gestor no campo museal e do patrimônio com conhecimento de conteúdos aplicados e profunda visão crítica da sociedade em que está inserido. Além disso, contemplou a evolução da concepção dos museus como instituições de preservação e

---

4 Educação Patrimonial foi difundida no Brasil por Maria de Lourdes Parreiras Horta, então diretora do Museu Imperial, a partir dos anos 1980. Tal proposta, centralizada no patrimônio cultural como matéria-prima das ações pedagógicas, difundiu-se pelo Brasil, gerando apropriações e concepções diversas, seja nas escolas, seja nas instituições culturais, nos projetos arqueológicos ou nos órgãos de preservação do patrimônio. Ver: Possamai e Gil (2014).

gestão da memória social, o que exige a concepção de um currículo contemporâneo, aberto o suficiente para que consiga abarcar a amplitude da problemática da cultura no mundo atual. O seu quadro teórico referencial, por sua vez, referenciou-se na necessidade de conexão direta com os processos museais e políticas nacionais para os museus, de modo a contemplar a especificidade de cada tipo de instituição, sejam órgãos de gestão do patrimônio cultural, centros de memória e documentação, museus, ou outros tipos de instituições que tenham como função a reflexão, pesquisa e produção do conhecimento em torno da questão da memória. Assim pensando, a proposta curricular baseou-se em dois grandes eixos conceituais, previstos nas Diretrizes Curriculares Nacionais - Parecer CNE/CES nº 492/2001 e Parecer CNE/CES nº 1363/2001 - como atividades acadêmicas de formação geral e de formação específica do campo da Museologia. No Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Museologia<sup>5</sup> da UFRGS, esses dois grandes eixos caracterizam-se por: Formação Geral Humanística: estudos históricos, culturais e sociais e Formação Específica em Museologia: aspectos teórico-metodológicos e aplicados, como já referido.

Nessa nova configuração, foi criada a disciplina Educação em Museus, com quatro créditos (60h)<sup>6</sup>, situada na sexta etapa da seriação do curso, circunscrita ao segundo eixo da formação e cuja ementa<sup>7</sup> prevê:

Museu e educação em perspectiva histórica. Educar através das coisas e imagens. Diferentes abordagens da educação

---

5 O Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Museologia encontra-se disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/documentos-graduacao-e-comgrads/projeto-pedagogico-do-curso-de-museologia>>. Acesso em: 3 dez. 2016.

6 A disciplina Educação em Museus foi oferecida pela Professora Ana Carolina Gelmini de Faria no ano de 2014 e tem sido oferecida pela Professora Zita Possamai desde 2015.

7 O plano de ensino da disciplina encontra-se disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/documentos-graduacao-e-comgrads/ementario-do-curso-de-bacharelado-em-museologia-gestao-2014-15>>. Acesso em: 3 dez. 2016.

em museus, a partir de distintas tipologias museológicas. A relação do museu com a escola. Elaboração do Programa Educativo, de projetos e ações educativas para museus.

Desse modo, a nova disciplina, implantada com o novo currículo em 2014: contempla os aspectos históricos dos museus e da Museologia relacionados especificamente com a educação; considera que a educação em museus problematiza aspectos peculiares relativos aos objetos e às imagens sob responsabilidade das instituições museológicas e à cadeia operatória museológica como um todo; identifica diversas abordagens teóricas e metodológicas norteadoras das ações educativas desenvolvidas nos museus e com o patrimônio, delineadas a partir da especificidade das coleções, dos problemas e das tipologias museológicas; deseja preparar o futuro museólogo para a gestão da área educativa dos museus, tornando-o apto para a elaboração de programas, projetos e ações educativas.

Além disso, o conteúdo desenvolvido na disciplina interage com as habilidades e competências do profissional museólogo previstas pelo Ministério da Educação, a saber: de âmbito geral, gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los; elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos; e, de âmbito específico, compreender o Museu como fenômeno que se expressa sob diferentes formas, consoante sistemas de pensamento e códigos sociais; interpretar as relações entre homem, cultura e natureza, no contexto temporal e espacial; intervir, de forma responsável, nos processos de identificação, musealização, preservação e uso do patrimônio, entendido como representação da atividade humana no tempo e no espaço; planejar e desenvolver exposições e programas educativos e culturais.

Desde sua implantação, os objetivos da disciplina foram definidos como sendo: discutir a relação entre patrimônio,

memória e educação; investigar a relação entre educação e museu/patrimônio em perspectiva histórica; estudar diferentes abordagens teórico-metodológicas da educação em museus; elaborar programas, projetos e ações educativas. Os conteúdos trabalhados abarcam: história da educação em museus; diferentes abordagens teórico-metodológicas; conceitos básicos como mediação, ação educativa, entre outros; relação entre museu e escola; acessibilidade e inclusão social; Programa Educativo e sua inserção no Plano Museológico.

Em termos metodológicos, esses conteúdos são compartilhados com os discentes por meio de três estratégias: conhecimento teórico; conhecimento aplicado e exercício de elaboração. A primeira estratégia abarca leituras e debates sobre as ideias de autores fundantes da educação e da educação em museu, tais como Paulo Freire (ZITKOSKI, 2006), Ulpiano Bezerra de Meneses (2000), Magaly Cabral (2006), Denise Grinspum (2000), Maria Cristina O. Bruno (2002), Maria Celia Santos (2001), Maria de Lourdes Parreiras Horta (1999, 2000), Ana Mae Barbosa (2001, 2008), Ana Mae Barbosa e Rejane Coutinho (2009), Marta Marandino (2004, 2008), Maria Margaret Lopes (1991), Francisco Régis Lopes Ramos (2004), Zita R. Possamai (2010), Hilda J. Fraga (2015), Carmem Z. Gil e Zita R. Possamai (2014), entre muitos outros. Aqui, ainda estão contempladas as especificidades tipológicas das instituições museológicas, com o intuito de problematizar as diferentes abordagens para museus de arte, museus de história, museus de ciências, entre outros.

A segunda estratégia considera que apenas a reflexão teórica é insuficiente para a formação de um profissional museólogo sensível para o papel educativo dos museus e do patrimônio. Assim, os discentes são levados a conhecer várias experiências educativas em desenvolvimento por museus, arquivos ou associações. Essas visitas

técnicas e vivências são oportunizadas por instituições de diversas tipologias localizadas na cidade de Porto Alegre ou no estado do Rio Grande do Sul, tais como Fundação Iberê Camargo, Santander Cultural, Centro Histórico-Cultural Santa Casa, Fundação Vera Chaves Barcelos, Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Bienal do Mercosul, entre outras. *In loco*, um membro da equipe responsável pelo Programa Educativo acompanha a visita e discorre sobre os projetos da instituição visitada. Esse momento é repleto de grandes aprendizados, tendo em vista que são abordados os limites e os desafios vivenciados pelos profissionais no que se refere ao diálogo com outros saberes da cadeia operatória museológica e à interação com os diferentes públicos a serem contemplados pelas ações pedagógicas.

Finalmente, os discentes realizam exercícios acadêmicos de elaboração de programas, projetos e ações educativas, tendo uma instituição museológica por base e um público específico selecionado. Desse modo, a partir de suas reflexões e descobertas são desafiados a elaborar e executar uma prática educativa, na qual deverão estar articulados um museu/coleção/exposição/objeto selecionados, um público/grupo específico e um problema de investigação.

Pode-se ponderar que o principal objetivo a ser alcançado pela disciplina Educação em Museus é desviar o olhar das coleções museológicas para os sujeitos com os quais o museu se relaciona e retornar o foco para os objetos, tornando-os meios potenciais de aprendizados e descobertas. Olhar e escutar os sujeitos tem o significado de atentar para a diversidade e para as diferenças, ao romper com a noção consagrada de “público geral” dos museus e da noção insatisfatória de que os museus devem contribuir para os processos de identificação (POSSAMAI, 2013) e pertencimento. Do questionamento sobre noções de museus como “teatro da

memória”, “laboratório da história”, “fórum”, etc., buscam-se o espaço e as coleções museológicas como potencializadores do conhecimento, da fruição e de uma perspectiva crítica sobre os problemas histórico-culturais com vistas à transformação social. Os depoimentos de Isabel Ayala e Mirelli Oliveira, discentes da disciplina em 2016, exemplificam o alcance proposto por essa atividade de ensino:

Elaborar e executar um projeto de ação educativa, para a disciplina Educação em Museus, possibilitou-me uma melhor compreensão em relação à responsabilidade social de um(a) museólogo(a). O projeto que desenvolvemos e executamos, aproximando jovens Recrutadas do Exército ao Museu do Trabalho, envolve tantas questões que, para mim, é muito difícil apontar tudo o que aprendi em poucas linhas. Percebi com este trabalho que nós, museólogo(a)s, além de buscar novos olhares do público para com as atividades de um museu, podemos também olhar e perceber estes públicos que estão perto e, ao mesmo tempo, longe dos museus. Aprendi que a busca de uma relação museu e público não se resume a pesquisar e organizar o acervo, montar uma exposição, abrir as portas da instituição e aguardar o visitante entrar. Embora estas premissas sejam importantes, é inestimável conseguir aproximar as pessoas de uma forma mais orgânica aos museus, fazendo o público sentir-se um personagem tão importante quanto o universo que está sendo apresentado a ele (Isabel Ayala).

Passei a encarar a educação em museu através de um viés, acima de tudo, patrimonial. Acredito que nos falha essa abordagem patrimonial quando pensamos em educação nos museus e percebemos isso em nossas instituições. Encontramos muitas ações específicas em Artes, Biologia, História, etc. Porém, poucas vezes as atividades tratam do acervo enquanto objetos de museus, enquanto documentos. É importante também essa preocupação, que vimos ao longo da disciplina,

de estabelecer um contato prévio com o público que participa das ações educativas. A atividade que realizei foi bem simples e com apenas duas participantes, porém ambas contribuíram de tal forma que o encontro foi muito proveitoso, tanto para mim quanto para elas. O contato prévio fez com que ambas viessem à atividade com muito interesse e tomassem posição de agentes ativas durante o encontro (Mirelli Oliveira).

## **EDUCAÇÃO EM MUSEUS NAS EXPOSIÇÕES CURRICULARES**

Deseja-se que as aprendizagens na disciplina Educação em Museus, assim como em outras disciplinas do currículo, possam ser potencializadas especialmente no exercício expográfico de montagem de uma exposição, efetivado pelos discentes a partir do encadeamento de três outras disciplinas: Expografia, Projeto de Curadoria Expográfica e Prática de Exposições Museológicas. Na primeira disciplina, os discentes tomam contato com os repertórios conceituais e técnicos sobre exposições a partir da Museologia; na segunda disciplina, estes elaboram o projeto expográfico, incluindo as ações educativas a este relacionadas; e, finalmente, na terceira disciplina, executam o projeto elaborado.

Assim, desde a implantação do curso, foram desenvolvidas diferentes ações educativas constitutivas da exposição curricular concebida e montada pelos graduandos. Na exposição intitulada “Do Confessionário ao Wireless: Landell de Moura, o padre inventor”<sup>8</sup>, realizaram-se oficinas de rádio e de física. Em “Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre”<sup>9</sup>, destacaram-se as visitas teatralizadas, pertinentes para lidar com o conteúdo intangível da mostra. Em “Brinquedo é coisa séria”<sup>10</sup>, destacaram-se as oficinas

---

8 Esta exposição teve coordenação da Professora Marlise Giovanaz.

9 Esta exposição teve coordenação da Professora Ana Carolina Gelmini de Faria.

10 Esta exposição teve coordenação da Professora Ana Carolina Gelmini de Faria.

de reciclagem de brinquedos. Em “Alices: cenários de vida e arte”<sup>11</sup>, ressaltaram-se as práticas com materiais acessíveis e jogos propostos aos visitantes; em “Agô! Presença negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência”<sup>12</sup>, destacaram-se as rodas de memória com afrodescendentes e as oficinas de percussão; em “Kumiai”<sup>13</sup>, tiveram destaque as oficinas sobre práticas da cultura japonesa, tais como shodô, origami, mangá, além do chá. Cumpre ainda mencionar que as exposições buscaram contemplar formas de acessibilidade à mostra por parte das pessoas com deficiência, por meio de tradução em linguagem de sinais (libras), transcrição de textos para baixa visão, elementos pedagógicos táteis, entre outras estratégias.

Figura 1 - Oficina de rádio na exposição “Do Confessionário ao Wireless: Landell de Moura, o padre inventor” (2011)



Fonte: Relatório final da exposição curricular “Do Confessionário ao Wireless: Landell de Moura, o padre inventor”; Acervo Criamus

11 Esta exposição teve coordenação da Professora Zita Rosane Possamai e apoio técnico da Professora Jeniffer Cuty.

12 Esta exposição teve coordenação da Professora Vanessa Barrozo Teixeira.

13 Esta exposição teve coordenação da Professora Vanessa Barrozo Teixeira.

Figura 2 - Visita teatralizada na Praça da Matriz (Porto Alegre) na exposição “Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre” (2011)



Fonte: Relatório final da exposição curricular “Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre”; Acervo Criamus

Figura 3 - Oficina de reciclagem de brinquedos na exposição “Brinquedo é coisa séria” (2012)



Fonte: Relatório final da exposição curricular “Brinquedo é coisa séria”; Acervo Criamus

Figura 4 - Oficina de percussão na exposição “Agô! Presença negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência” (2015)



Fonte: Relatório final da exposição curricular “Agô!”; Acervo Criamus

Figura 5 - Ação educativa com jogos na exposição “Alices: cenários de vida e arte” (2013)



Fonte: Relatório final da exposição curricular “Alices: cenários de vida e arte”; Acervo Criamus

Figura 6 - Oficina de shodô na exposição “Kumia” (2016)



Fonte: Relatório final da exposição curricular Kumiai; Acervo Criamus

## EDUCAÇÃO EM MUSEUS NOS PROJETOS DE EXTENSÃO

Além das disciplinas curriculares, a educação em museus e com o patrimônio está presente nos projetos de extensão desenvolvidos sob coordenação dos professores do Curso de Museologia, com os estudantes e comunidades envolvidas. Desde que foi criado, o curso tem se caracterizado por uma forte inserção na perspectiva da Museologia Social, consubstanciada em programas com foco em ações culturais e educativas relacionadas à memória e ao patrimônio e com profunda preocupação com o desenvolvimento local e com a mudança social dos grupos envolvidos. Entre estes, podem ser mencionados os programas “Lomba do Pinheiro, Memória, Informação e Cidadania” e “Ilha da Pintada: Mulheres, Trabalho e Desenvolvimento Sustentável”, bem como o projeto “Leituras da Cidade”.

O programa Lomba do Pinheiro, Memória, Informação e Cidadania<sup>14</sup> constitui-se numa experiência de interatividade entre

---

<sup>14</sup> Coordenado, inicialmente, pela Professora Ana Dalla Zen, hoje sob responsabilidade do Professor Eráclito Pereira.

ensino, pesquisa e extensão, realizado em parceria com o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, situado em Porto Alegre. Trata-se de um programa criado para construir, num processo de gestão participativa entre a Universidade, o Museu Comunitário e a população do bairro da Lomba do Pinheiro, alternativas para recuperação da memória social e das histórias de vida dos moradores do lugar. Propõe-se a incentivar o pertencimento, a valorização da autoestima e o empoderamento dos moradores. Nesse sentido, realiza um programa permanente de ação educativa em diferentes espaços sociais, visando ao reconhecimento do território, das memórias locais e de si mesmos como patrimônio do bairro. Utiliza-se dos recursos e estratégias da História Oral, o que inclui a realização de rodas de memória com antigos moradores, além de exposições itinerantes, museus de rua, oficinas de educação para o patrimônio e um programa de turismo ecológico local, denominado Lombatur.

Os resultados revelam que os objetivos iniciais foram atingidos, o que é expresso pela grande procura que cada uma das atividades têm, em especial o Lombatur, rota de turismo local organizada pelos próprios moradores, que, ao participarem dos passeios, se reposicionam em relação ao bairro, por sentirem-se responsáveis pela busca de soluções para os graves problemas do impacto ambiental provocado pela criação permanente de novas vilas clandestinas, assentadas em áreas de preservação ambiental. Além disso, esses moradores discutem o seu próprio compromisso em relação aos problemas identificados. Por outro lado, o Lombatur tem se caracterizado como uma excelente estratégia de inclusão das três comunidades indígenas ao bairro (caingangues, mbyá-guarani e charruas).

Figura 7 - Lombatur no Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro (2015)



Fonte: Acervo do Museu da Lomba do Pinheiro

As atividades de ação educativa realizadas no programa, desde 2009 até o presente, serviram de ponto de partida para a criação do programa Ilha da Pintada: Mulheres, Trabalho e Desenvolvimento Sustentável<sup>15</sup>, posto em prática na Ilha da Pintada, localizada no lago Guaíba, em Porto Alegre, por iniciativa de um grupo de mulheres que transformaram o artesanato com escamas e couro de peixe - antiga técnica açoriana - em uma estratégia de sobrevivência diante da crise da pesca, que situa a Ilha entre as comunidades de menor índice de desenvolvimento humano de Porto Alegre.

Desde março de 2012, o Curso de Museologia atua nas ilhas para participar, através da integração dos conteúdos curriculares de Museologia, de uma ação de caráter comunitário, solicitada pelos moradores, voltada à recuperação de suas memórias das

<sup>15</sup> Este programa foi implantado pela Professora Ana Dalla Zen, tendo recebido o Prêmio Santander.

lutas, história e conquistas. Este projeto, aprovado como ação de extensão universitária na UFRGS, por meio de um processo de musealização do patrimônio cultural da Ilha da Pintada, aproxima os conceitos de memória e patrimônio a uma ação de desenvolvimento e mudança social.

A montagem de um programa de educação para o patrimônio foi possível pelo convênio com as escolas Almirante Barroso e Maria José Mabilde, cujos professores, em atividades pedagógicas interdisciplinares, elegeram o patrimônio e a memória da Ilha da Pintada como foco do planejamento escolar. Entre as ações realizadas estão: a elaboração do Mapa Cultural da Ilha da Pintada; ações educativas específicas para alunos do ensino fundamental (produção de *fanzines*, curso de fotografia digital e *pinhole* para tomadas de imagens da Ilha e montagem das exposições); rodas de memória com antigos moradores para registro de suas memórias; e curso de formação de guias turísticos.

O programa tem ainda como objetivo a criação de um plano de ecoturismo na Ilha da Pintada, como estratégia para geração de renda para as famílias numa ação de desenvolvimento local, a partir da criação de polos de economia criativa e solidária. Uma das ações mais importantes até o momento implementada foi a criação do Museu das Ilhas, um museu de rua composto por 25 painéis e pontos de valorização do patrimônio ambiental e cultural das ilhas habitadas, cujo ponto de partida está localizado na Ilha da Pintada.

Figura 8 - Oficina de artesanato na Ilha dos Marinheiros, da qual participam moradoras e estudantes do Curso de Museologia (2009)



Fonte: Acervo do programa Ilha da Pintada: Mulheres, Trabalho e Desenvolvimento Sustentável

O projeto Leituras da Cidade<sup>16</sup>, iniciado em 2008, constitui-se em formação continuada de educadores e estudantes universitários sobre a memória e o patrimônio da cidade de Porto Alegre e tem como objetivos: sensibilizar os professores a incluírem no seu programa de ensino as questões relacionadas à cidade, a sua memória e ao seu patrimônio; possibilitar o acesso à leitura do Centro Histórico de Porto Alegre em suas múltiplas abordagens temporais ou temáticas; construir coletivamente metodologias que permitam aos educadores se apropriarem do Centro Histórico; propiciar aos educadores que trabalham com a temática da cidade novas perspectivas, abordagens e metodologias de aprendizagem.

---

16 Coordenado pela Professora Zita Possamai.

A iniciativa partiu de três constatações: a alta procura de educadores por cursos de formação na área do Patrimônio e da Educação; a necessidade de informações sobre a cidade a serem consultadas pelos educadores para fins pedagógicos; a convicção de que a valorização do patrimônio histórico-cultural das cidades brasileiras, neste caso Porto Alegre, necessita do aporte educativo como meio de irradiar-se pela sociedade como um todo.

A proposta originou-se de uma parceria entre a UFRGS e o Projeto Monumenta, da Prefeitura de Porto Alegre/BID/MinC/Iphan. Iniciou com formações presenciais de educadores, vinculados ou não à rede de ensino, e estudantes dos cursos de Pedagogia, História e Museologia. As formações tiveram caráter multidisciplinar e visaram a oferecer subsídios teóricos e metodológicos para abordagem da cidade, especialmente o Centro Histórico de Porto Alegre. Com apoio do Edital Proext 2009, foi criado o website e publicado o livro, ambos com o título do projeto. A construção do website Leituras da Cidade originou-se da necessidade de reunir as informações sobre a cidade de Porto Alegre, a fim de torná-las acessíveis à consulta por parte dos educadores, incentivando a longo e médio prazo a realização de ações pedagógicas sobre o patrimônio urbano nas escolas. O site é composto pelas seções: O que ver (imagens fotográficas e artísticas; edificações históricas); O que ler (referências de obras bibliográficas); O que vivenciar (espaços culturais, museus, etc.); O que ouvir (sites com referências de canções); O que assistir (filmes, curtas, vídeos e documentários), versando sobre Porto Alegre. A publicação de um livro teve como objetivo reunir os textos elaborados pelos ministrantes das duas formações até o momento realizadas, permitindo ampla divulgação da produção científica sobre Porto Alegre, em diferentes áreas do conhecimento (História, Arqueologia, Arquitetura e Patrimônio, Antropologia, Educação).

Além disso, foram realizadas formações voltadas para os

jovens moradores da Lomba do Pinheiro e para professores e alunos do ensino fundamental do Instituto de Educação. Desde 2010, o projeto tem obtido contemplação no Projeto de Popularização da Ciência da UFRGS/CNPQ e restringe suas ações à manutenção e atualização do Portal e à divulgação da iniciativa em congressos, cursos dirigidos a educadores e salões de iniciação científica ou extensão.

Figura 9 - Percurso temático na formação Leituras da Cidade, com parada no Tambor, um dos pontos do Museu de Percurso do Negro, no Centro Histórico de Porto Alegre (2010)



Fonte: Acervo do projeto Leituras da Cidade

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença da área da Educação na formação profissional proposta pelo Curso de Museologia da UFRGS assenta-se sobre a concepção de que os museus e os patrimônios por eles preservados têm, desde suas primeiras configurações históricas, um expressivo caráter educativo. Museus e patrimônios ensejam o desejo de preservar os traços produzidos pela humanidade, colocando esta em relação com o meio ambiente e, nesse processo, situa-se a sua inescapável dimensão pedagógica. Se, por longo tempo, os museus pareceram privilegiar a conservação e a pesquisa de suas coleções em detrimento do contato destas com a sociedade, observa-se que a presença do público nos museus, cada vez com mais intensidade, tornou-se grande missão dos museus. Assim, sua função educativa vem sendo cada vez mais aprofundada, especialmente no século XXI. Atualmente, rompe-se com a preponderância do objeto, em busca de uma maior apropriação social dos conhecimentos produzidos pelos museus. Entram no foco dessas preocupações os sujeitos da aprendizagem, suas diferenças, indagações, necessidades, desejos e modos de se relacionar com o mundo, com as coisas, com a cultura e com o próprio museu.

O profissional museólogo necessita estar sensibilizado e preparado teórica e tecnicamente para os desafios postos por uma diversidade social e cultural que hoje faz parte dos museus, em diferentes contextos. Somente uma educação emancipadora dá sentido aos museus e aos patrimônios por estes preservados. Com esse intuito deseja-se que as pessoas habitem os museus e que os museólogos sejam agentes atuantes na concretização desse ideal.

## REFERÊNCIAS

- ASSENSIO, Mikel; POL, Elena. A aprendizagem em museus. In: GUTIERREZ, Angela (coord.). *Cultura e Educação: parceria que faz história*. Belo Horizonte: Mazza Edições; Instituto Cultural Flávio Gutierrez/MAO, 2007. p. 63-101.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte-Educação: leitura no subsolo*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. Educação em Museus - termos que revelam preconceitos. *Revista Museu*, 2008. Disponível em: <<http://revistamuseu.com.br/artigos/art>>. Acesso em: jan. 2009.
- BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane G. *Arte/Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Ed. Unesco, 2009.
- BLANCO, Ángela García. *Aprender con los objetos*. Madrid: Ministerio de Educación y Cultura; Museo Arqueológico Nacional; Caja Madrid Fundación, 1997.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A Museologia como uma Pedagogia para o Patrimônio. *Ciências & Letras*, Revista da Faculdade Porto-Alegrense, Porto Alegre, n. 31, p. 87-97, 2002.
- CABRAL, Magaly. A palavra e o objeto. In: LOPES, Francisco Régis (coord.). *Cadernos Paulo Freire*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. p. 5-24.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (dir.). *Concepts clés de muséologie*. Paris: Armand Colin, 2010.
- FRAGA, Hilda Jaqueline et al. (orgs.). *Experimentações em lugares de memória*. Porto Alegre: Selbach, 2015.
- GIL, Carmem Z. de Vargas; POSSAMAI, Zita R. Educação Patrimonial: percursos, concepções e apropriações. *Mouseion*, Canoas, Unilasalle, v. 19, p. 13-26, 2014.
- GIL, Carmem Z. de Vargas; TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski (orgs.). *Patrimônio Cultural e Ensino de História*. Porto Alegre: Edelbra, 2014.

GRINSPUM, Denise. *Educação para o patrimônio: Museu de arte e escola - Responsabilidade compartilhada na formação de públicos*. 2000. 131p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Fundamentos da Educação Patrimonial. *Ciências & Letras*, Revista da Faculdade Porto-Alegrense, Porto Alegre, n. 27, p. 25-35, 2000.

\_\_\_\_\_; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Iphan; Museu Imperial, 1999.

LOPES, Maria Margaret. A favor da desescolarização dos museus. *Educação e Sociedade*, Campinas, Unicamp, Instituto de Geociências, n. 40, p. 443-455, dez. 1991.

MARANDINO, Martha. Ação educativa, aprendizagem e mediação nas visitas aos museus de ciências. In: Massarani, Luisa (org.). *Workshop Sul-Americano & Escola de Mediação em Museus e Centros Ciência*. Rio de Janeiro: Museu da Vida; Casa de Oswaldo Cruz; Fiocruz, 2008. p. 23-29.

\_\_\_\_\_. Transposição ou recontextualização? Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciências. *Revista Brasileira de Educação*, n. 26, p. 95-108, maio-ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n26/n26a07>>.

MATTOS, Yara; MATTOS, Ione. *Abracaldabra: uma aventura afetivo-cognitiva na relação museu-educação*. Ouro Preto: Ufop, 2010.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. *Ciências & Letras*, Revista da Faculdade Porto-Alegrense, Porto Alegre, n. 27, p. 91-101, 2000.

POSSAMAI, Zita Rosane (org.). *Leituras da Cidade*. Porto Alegre: Evangraf; UFRGS, 2010.

\_\_\_\_\_. Patrimônio e identidade: qual o lugar da História. In: SILVA, Adriana Fraga et al. (orgs.). *Ensino de História no Cone Sul: patrimônio cultural, territórios e fronteiras*. Porto Alegre: Evangraf, 2013. p. 87-98.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.

SANTOS, Maria Célia Trigueiros Moura. *Encontros museológicos: reflexões sobre a Museologia, a Educação e o Museu*. Rio de Janeiro: MinC/Iphan/Demu, 2008.

\_\_\_\_\_. *Museu e educação: conceitos e métodos*, 2001. [Artigo extraído do texto produzido para aula inaugural do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, proferida na abertura do Simpósio Internacional “Museu e Educação: conceitos e métodos”, realizado no período de 20 a 25 de agosto de 2001].

ZITKOSKI, Jaime José. *Paulo Freire & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.